

Senado cheio de *forasteiros*

FERNANDA ODILLA

DA EQUIPE DO CORREIO

Santo de casa não faz milagre. Um terço dos 81 senadores parece seguir o ditado à risca. São parlamentares que estarão no plenário do Senado a partir desta semana, mas não representam os estados onde nasceram. Os *forasteiros* estão em praticamente todas as bancadas estaduais. Três delas — Distrito Federal, Amapá e Tocantins — têm apenas parlamentares nascidos em outros lugares do Brasil (veja quadro). A legislação eleitoral é clara em dizer que o senador pode se candidatar por qualquer lugar do país desde que apresente domicílio no estado que pretende representar.

Às vezes, o interesse de um político em representar outra região levanta suspeitas do eleitor. Prestes a assumir o terceiro mandato consecutivo pelo Amapá, o maranhense José Sarney (PMDB) precisa explicar, em toda campanha, a decisão de concorrer pelo território que ele próprio transformou em estado. Quando terminado o mandato de presidente da República, Sarney cogitou em se dedicar às memórias. Mas decidiu dar uma resposta ao então presidente eleito Fernando Collor, dono de um discurso radical contra a gestão de Sarney. O

PMDB maranhense, contudo, negou a legenda a Sarney que migrou para o Acre, recusando o convite para concorrer por outros cinco estados. Desde então, ele trocou o Nordeste pelo Norte em ano de eleição.

Novos endereços

No caso do senador Wellington Salgado (PMDB-MG), as explicações não foram para os eleitores, mas para o Ministério Público Eleitoral mineiro. Natural do Rio de Janeiro, Wellington Salgado foi

investigado por ser suspeito de forjar um endereço em Minas Gerais para ocupar uma vaga de suplente no PMDB, o que configuraria crime de falsidade. Em 2002, quando foi formada a chapa encabeçada pelo hoje ministro das Comunicações, Hélio Costa, Salgado declarou ao Tribunal Regional Eleitoral (TRE) que vivia em Araguari, no Triângulo. Mas, de acordo com o MP, ele nunca morou nos endereços informados à Justiça Eleitoral e ao partido. Eram endereços ligados a Raul Belém, parlamentar falecido em 2001.

“Voto no estado desde as eleições para prefeito de 2000”, defende-se Salgado. Mas ele mesmo admite que mudou o domicílio eleitoral por causa de um projeto político na terra das alterosas. A idéia era compor uma chapa com Raul Belém. “Acabei aceitando disputar a eleição como suplente de Hélio Costa”, justifica. Salgado diz que hoje casou e constituiu família em Minas, onde mantém negócios. E diz não pensar no Rio de Janeiro quando está legislando.

Mas a maioria dos *forasteiros* há muito perdeu a ligação com a cidade natal. Valdir Raupp (PMDB-RO) nasceu em São João do Sul (SC), mas se mudou para Rondônia com a família na adolescência. O senador Augusto Botelho (PT-RR) nasceu em Vitória

(ES), porém foi criado em Roraima. Papaléo Paes (PSDB-AP) saiu de Belém, no Pará, para servir ao Exército no Amapá, como médico. Por lá ficou e acabou se elegendo prefeito de Macapá. Os senadores Álvaro Dias (PSDB-PR) e seu irmão, Osmar Dias (PDT-PR), mantêm poucas relações com Quatá, no interior de São Paulo. Os dois construíram a carreira política no Paraná, estado que hoje representam no Senado.

“Eu sou matogrossense”, assegura a gaúcha Serys Slhessarenko

(PT), que tem mais tempo de Mato Grosso que de Cruz Alta (RS). Aos 19 anos, ela se casou com um oficial do Exército, que foi transferido para Cuiabá. “Lá tivemos quatro filhos, fiz faculdade e comecei na política. Conheço bem os interesses e as necessidades do estado”, diz Serys, que não pensa em voltar para o Sul. O senador do DF Adelmir Santana (PFL) não abandonou as raízes. Apesar de assegurar que está no Senado para defender os interesses da capital federal, ele pendurou na pare-

de do gabinete uma bandeira do Maranhão, ao lado das do DF e do Brasil. Homenagem a Nova Iorque, cidade maranhense de pouco mais de três mil habitantes na fronteira com o Piauí, onde Santana nasceu. “Cheguei com 18 anos e fiz toda a minha vida aqui em Brasília. Nos estados mais tradicionais, a política é formada por verdadeiros feudos”, responde Adelmir, que assumiu o mandato há menos de um mês no lugar do mineiro Paulo Octávio, eleito vice-governador do DF.